

Objetivo:

Analisar o sentimento de culpa, seus efeitos e consequências.

Procedimento:

O sentimento de culpa foi analisado sob várias abordagens:

- a. Efeito no aprimoramento pessoal;
- b. Efeito em questões relacionadas com processos obsessivos;
- c. Efeito em questões relacionadas com processos expiatórios.

Efeito no aprimoramento pessoal:

- i. Existe alguma relação entre culpa e arrependimento.

Para tentar esclarecer este ponto será necessária, primeiramente, a definição de significado e o que estas palavras representam para o indivíduo.

A culpa seria o sentimento decorrente do reconhecimento de que alguma atitude realizada não estaria em acordo com os padrões sociais e, especialmente, em acordo com o padrão pessoal de comportamento.

Antes de reconhecer o equívoco cometido, ninguém estaria sujeito ao sentimento de culpa, portanto, pode-se supor que esteja intimamente ligado com a condição de entendimento pessoal.

O sentimento de culpa causa, invariavelmente, o sofrimento daquele que o sofre, especialmente nos casos irreversíveis, isto é, quando não é possível desfazer o equívoco. Sob o ponto de vista do aproveitamento pessoal, a culpa seria um sentimento de consequências negativas para aquele que sofre, similarmente ao remorso.

Em contrapartida, o arrependimento seria, também, decorrente do entendimento e reconhecimento de uma atitude que contraria as boas intenções pessoais. Contudo, sob o ponto de vista ético, impele o indivíduo para a reparação da falta cometida o que o satisfaz.

A satisfação da reparação é decorrente do entendimento da condição precária do entendimento entre o mal e o bem, condição esta em que se encontra. Este reconhecimento da limitação pessoal conduz o indivíduo a se perdoar pela falta cometida, mesmo quando aquele que foi alvo do equívoco não perdoa, apesar do pedido de desculpas e/ou da reparação, pois, também estará em condições de compreender as limitações alheias.

O perdão das ofensas recebidas é uma conquista do espírito.

A culpa agride, enquanto que o arrependimento conduz o indivíduo na senda do progresso e harmonia.

ii. O sentimento de culpa precede o arrependimento.

Diante do exposto no item anterior, pode-se concluir que o sentimento de culpa antecede o arrependimento no sentido de que o primeiro é decorrente do entendimento da falta cometida, enquanto que o segundo, além de se basear no mesmo princípio, também é decorrente de um entendimento mais amplo da capacidade pessoal de entendimento das coisas, de si mesmo e dos outros.

iii. A sequência seria CULPA-ARREPENDIMENTO-REPARAÇÃO.

Sob certo aspecto, pode-se supor que o arrependimento seria o sentimento desenvolvido após experiências com sentimentos mais básicos ou primitivos. Todo e qualquer equívoco cometido e que foi reconhecido como tal deve ser trabalhado para que não seja a causa de desarmonias que podem se tornar dolorosas e perdurar por tempo prolongado. Portanto, sob este prima, a culpa antecede o entendimento da necessidade da reparação que será atingido quando a culpa se tornar arrependimento em suas definições mais específicas

iv. Podemos, através do conhecimento, pular a etapa da culpa.

Felizmente a bondade Divina não estipula a necessidade inequívoca do sofrimento de qualquer tipo. Assim sendo, para aqueles capazes de perceber o processo em seus estágios iniciais, a culpa seria um sentimento desnecessário para o seu processo evolutivo, passando assim para o reconhecimento dos erros e, conseqüentemente, para a reparação antes que se torne processo aflitivo.

A relação culpa-arrependimento-reparação pode ser percebida no segmento de mensagem ditada pelo espírito João, Bispo de Bordéus, apresentada no Capítulo X d'O Evangelho Segundo o Espiritismo:

Que é o que pedis ao Senhor, quando implorais para vós o seu perdão? Será unicamente o olvido das vossas ofensas? Olvido que vos deixaria no nada, porquanto, se Deus se limitasse a esquecer as vossas faltas, Ele não puniria, é exato, mas tampouco recompensaria. A recompensa não pode constituir prêmio do bem que não foi feito, nem, ainda menos, do mal que se haja praticado, embora esse mal fosse esquecido. Pedindo-lhe que perdoe os vossos desvios, o que lhe pedis é o favor de suas graças, para não reincirdes neles, é a força de que necessitais para enveredar por outras sendas, as da submissão e do amor, nas quais podereis juntar ao arrependimento a reparação.

Efeito em questões relacionadas com processos obsessivos:

i. Nos processos obsessivos há um espírito julgando outro espírito.

A obsessão, como bem definida por Kardec no livro A Gênese, Capítulo XIV, que diz:

Chama-se obsessão à ação persistente que um Espírito mau exerce sobre um indivíduo. Apresenta caracteres muito diferentes, que vão desde a simples influência moral, sem perceptíveis sinais exteriores, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais.

Através de uma rápida análise do conceito apresentado, pode-se verificar que os processos obsessivos variam em intensidade. Considerando a “simples influência moral” como ligações fortuitas, sem grande comprometimento entre os espíritos envolvidos, apesar de requerer cuidados adequados, pode-se, desta forma, manter o foco para este estudo naquelas relações que culminam em perturbação completa.

A partir do memento que espíritos, encarnados ou não, se mantêm ligados por processos prolongados e perturbadores, deve-se considerar que possuem entre si um relacionamento de longa data. Estes processos, via de regra, são expressões do desamor mútuo e podem apresentar em seu gérmen, por um lado, o sentimento de culpa por danos causados e, por outro, um julgamento daquele que cometeu o ato equivocado por aqueloutro que o sofreu.

ii. Neste julgamento há atribuição de culpa.

Quando um relacionamento entre espíritos culmina em um processo obsessivo, houve um julgamento, tendo como resultado o veredicto de culpado, caracterizando a falta do perdão e, conseqüentemente, a tentativa de vingança.

Desta forma fica ainda mais enfatizado o ensinamento de Jesus que diz:

Não julgueis, a fim de não serdes julgados; - porquanto sereis julgados conforme houverdes julgado os outros; empregar-se-á convosco a mesma medida de que voz tendes servido para com os outros.

MATEUS, cap. VII, vv. 1 e 2

Julgando apenas os atos visando verificar sua conveniência ou não e, com isso, evitando o julgamento daqueles que os cometem, estar-se-á precavendo de promulgar condenações e de se tornar o carrasco, isto é, um obsessivo.

iii. Se existe a sintonia psíquica entre espíritos, inclusive para a obsessão se instalar, o denominado “obsessivo” culpa alguém e somente haverá ligação mental se este alguém se sentir culpado.

Segundo o conceito de que os espíritos se reúnem por afinidade de pensamentos e sentimentos, para que a obsessão seja possível, isto é, para que o espírito que culpa tenha condições de exercer uma ação sobre um indivíduo, será preciso que este último tenha pensamentos ou sentimentos similares, isto é, culpa.

iv. Os processos obsessivos somente ocorrem quando o espírito está em condições de reconhecer os erros e se sentir “culpado”.

Se considerarmos qualquer processo corretivo decorrente de atitudes consideradas equivocadas, quando aquele que a cometeu não possui maturidade espiritual suficiente para reconhecer o ato como inadequado, como sendo um castigo e, ainda, considerarmos que a Providência Divina não é punitiva, mas educativa, então, os processos obsessivos somente serão úteis quando houver a possibilidade de entendimento, isto caracterizaria o processo educativo.

Assim sendo, pode-se conceber a idéia de que existem “obsessores”, aqueles que lavram sentenças, sem que, necessariamente, existam “obsediados” a eles associados.

Pode-se, então, conceber processos obsessivos caracterizados por ligações não pessoais:

- a. “Culpado” sem condições de entendimento;
- b. “Culpado” com condições de entendimento;
- c. “Culpado” regenerado;
- d. “Carrasco” em busca do culpado;
- e. “Carrasco” regenerado.

Nas condições “c” e “e” o espírito estaria livre de comprometimentos seguindo seu processo evolutivo. Espírito na condição “d” preferencialmente com “b”, mas se o espírito “culpado” já estiver na condição “c”, o primeiro se ligaria com qualquer espírito na condição “b” que encontrar. Espíritos na condição “a” ainda necessitam degraus na escala evolutiva para passarem para a categoria “b”.

Percebemos, desta forma, que mesmo os espíritos em grave situação obsessiva já atingiram certo patamar de entendimento. A obsessão, portanto, é sinal de evolução.

Efeito em questões relacionadas com processos expiatórios:

Então, os escribas e os fariseus lhe trouxeram uma mulher que fora surpreendida em adultério e, pondo-a de pé no meio do povo, - disseram a Jesus: “Mestre, esta mulher acaba de ser surpreendida em adultério; - ora, Moisés, pela lei, ordena que se lapidem as adúlteras. Qual sobre isso a tua opinião?” - Diziam isto para o tentarem e terem de que o acusar. Jesus, porém, abaixando-se, entrou a escrever na terra com o dedo. - Como continuassem a interrogá-lo, ele se levantou e disse: “Aquele dentre vós que estiver sem pecado, atire a primeira pedra.”

- Em seguida, abaixando-se de novo, continuou a escrever no chão. - Quanto aos que o interrogavam, esses, ouvindo-o falar daquele modo, se retiraram, um após outro, afastando-se primeiro os velhos. Ficou, pois, Jesus a sós com a mulher, colocada no meio da praça.

Então, levantando-se, perguntou-lhe Jesus: “Mulher, onde estão os que te acusaram? Ninguém te condenou?” - Ela respondeu: “Não, Senhor.” Disse-lhe Jesus: “Também eu não te condenarei. Vai-te e de futuro não tornes a pecar.”

JOÃO, Cap. VIII, vv. 3 a 11

Diante do que foi exposto nos itens anteriores, fica viável a avaliação mais detalhada da passagem de Jesus apresentada no Evangelho de João, Cap. VIII, vv. 3 a 11.

Em uma demonstração clara de que um julgamento alheio traz uma negação das próprias faltas, Jesus demonstra que o mesmo procedimento poderá ser aplicado a cada um individualmente como réu e que os papéis poderão se inverter indefinidamente.

Desta forma, no nível evolutivo atual em que se encontram os habitantes da Terra, quando Jesus diz que “bem aventurados os que são misericordiosos” ainda se refere, provavelmente, aqueles que são misericordiosos com eles mesmos, pois estariam evitando se encontrarem na condição de “culpados” viabilizando o trabalho na condição de “arrepentidos”.

A misericórdia consigo mesmo é o caminho para conquistar a misericórdia para com os outros.

Ao Jesus proferir que não condena a mulher adúltera, mas para ela não pecar mais, demonstra que não concorda com a ação de adultério. Julga, portanto, o ato e não aquele que o cometeu.

Não julgar os outros significa “não atribuir culpa” e “não julgueis para não serdes julgados” significa “não culpes outros para não culpar a si mesmo”. Julgando os próprios atos, o espírito saberá o que precisa ser reparado, surgindo o arrependimento, sem haver o sentimento de culpa.